



MIGUEL LOURO

Sente-se de sentar

“sente-se” de sentir

No Hyde Park em Londres uma mulher de aspecto vadio toma uma bebida, sentada num banco. Ao sul da Argentina alguém senta-se numa pedra em ambiente glacial. “Sente-se” é tema de um dos mais originais pretextos para fazer fotografia, a que Miguel Louro dá expressão. Em “Fotofilias”, o fotógrafo regista fotografos a fotografar. Em abstracções retrata “A Luz Viva da Morte”.

TEXTOS
RUI SERAPICOS



Numa rocha fria que emerge ao sul da Argentina, alguém senta-se; sente-se um frio glacial.

Num banco de um parque de Buenos Aires, senta-se um par em idade madura; sente-se sedução; ele parece inclinar-se, arrebata-se sobre ela, quase como quem dança Piazzola; ela abandona-se, negligente, pés já fora dos sapatos...

Ao calor de uma praia do Nordeste quase se escuta Toquinho cantar “Passar uma tarde em Itapuã, Ao sol que arde em Itapuã, Ouvindo o mar de Itapuã, Falar de amor em Itapuã”.

Há um banco sem gente na ilha de Pukhet, Tailândia, outro na Barcelona de Gaudi mais um banco ainda com vista sobre o Rio de Janeiro e outro na Europa central, agora um homem sentado, com um ciclista a passar, desfocado, por trás. Há em Braga, num degrau de uma igreja uma velha sentada. Há gente que se senta. Há gente que se sente. “Sente-se” é tema de uma colecção de fotografias de Miguel Louro, já expostas, já publicadas. “Sente-se” de sentar, sente-se de sentir.

SENTIDA
INDIFERENÇA

De Braga — cidade onde vive desde que frequentou a escola primária de S. Lázaro, apenas com a intermitência exigida para a for-

mação em medicina na Universidade do Porto — o fotógrafo diz (não) sentir uma reacção — que lhe parece de indiferença.

Diverso, como excepção que confirma a regra, é o pedido feito pela Confraria de Nossa Senhora do Sameiro que resulta num livro de fotografias captadas entre Janeiro de 2003 e Dezembro de 2004, culminando com a imagem da “Rosa de Ouro” entregue pelo Papa João Paulo II, nas mãos de Eduardo Melo Peixoto, autor de textos daquele volume, em que participam ainda Aurélio de Oliveira, José Hermínio Machado e Mário Dias Ramos.

O Mosteiro de Tibães é retratado por Miguel Louro no livro ‘O Sorriso do Anjo’, com textos da mais do que premiada escritora radicada em Braga, Maria Adelaide Valente.

Vai mais de três décadas que no Liceu Sá de Miranda usou a Canon do companheiro Rui, um professor disse: “tens jeito”. Esse professor chama-se Nuno Barreto e com ele Miguel Louro, no ano lectivo 1974/75, enquanto não entra para a Faculdade de Medicina do Porto, faz um curso de fotografia.

Vai estudar medicina, activa no Hospital de S. João um grupo que se interessa pela fotografia. Desenvolve contactos com fotógrafos — João Paulo Sottomayor, Ricardo Fonseca, António Sousa e Marafona. Torna-se dirigente da Associação Fotográfica do Porto. Em

Braga, participa na criação da Associação de Fotografia e Cinema Amador (AFCA) — “a primeira reunião da AFCA foi no edifício do Turismo”, recorda — acompanhando Mário Taveira Veloso, de quem lembra com alguma vaidade: “ele ia para o Gerês e eu ia com ele, carregava-lhe as máquinas”. Registava em película o Lírio-do-Gerês, Iris Boissieri — curiosamente também referida no livro de Maria Adelaide Valente.

“Fui eu que meti o Rui Prata” — lembra, em referência ao director do Museu da Imagem. Nos primeiros tempos com a máquina Miguel Louro procura aperfeiçoar o domínio técnico. Quando foi médico do Hospital de São Marcos, fez fotografias a doentes, registou operações cirúrgicas, para colegas analisarem e usarem em diapositivos de apresentações de carácter científico — “ainda não havia o powerpoint”, realça. A propensão artística emerge em compensação aos dias cada vez mais intensos de medicina. Por um lado, o ofício absorve-o. Por outro, incrementa-lhe ainda as necessidades do olhar, registar, revelar, aproveitando as vantagens tecnológicas do digital, mas às vezes recorrendo a métodos artesanais de impressão, como a platinotipia.

Mas a cada congresso a que vai, fotografa bancos ou cadeiras, com ou sem gente sentada. Sente-se.

Exposições em Braga e no Porto até ao fim do mês

Miguel Louro tem patente, na delegação do Porto da Ordem do Médicos, uma exposição em telas de 50cm X 50 cm, de fotografia abstracta, recorrendo à técnica de foco desfocado, velocidade lenta e movimento da máquina, produzindo efeitos de raios de luz — neste caso vincando com impressão a cores o conceito de vida, em contraponto a "A Luz Viva da Morte", que recorre à mesma técnica mas com impressão a preto e branco.

"A Dança da Luz / Vida" é tema daquela mostra que pode ser visitada até dia 29 de Dezembro. Entretanto segue patente no Clube de Ténis de Braga 'Platinotípias', com impressão em platina.

"A primeira máquina fotográfica foi seu pai quem lhe deu, era um caixote", palavra que diz tudo para quem está familiarizado com o vocabulário da arte", escreve sobre Miguel Louro um amigo — José Hermínio Machado, professor que tem vindo a assumir um papel de responsável pela biografia artística do fotógrafo.

"Aos 10 anos tirei a minha primeira fotografia. Usei a câmara

Instamatic e fixei a família na Quinta, em Real, com a casa na retaguarda, como fundo: o pai, a mãe, as irmãs, o irmão mais pequeno e os caseiros.

Leopoldo Miguel Sousa Louro Cruz, que é assistente graduado de Clínica Geral na extensão de Sequeira do Centro de Saúde de Braga, nasce dia 30 de Novembro de 1955 na Póvoa de Varzim. Faz instrução primária em Braga na escola de S. Lázaro e estudos secundários no Liceu Sá de Miranda.

No Liceu, a máquina foi emprestada por um amigo de infância. Retratei os colegas e a escola", declara Miguel Louro a José Machado, em depoimento para o texto do livro intitulado 'Uma caixinha pendurada ao pescoço' que foi publicado em 1980, curiosamente, com mais palavras do que imagens — desinteligência de última hora da entidade promotora da edição leva a que o livro quase não tenha fotos.

A segunda máquina, uma 'Penguin', dá-lha um tio vindo de Angola e está no museu particular, "muito bem fornecido de exemplares para uma história da fotografia".

Como refere José Hermínio Machado, a ideia de concretizar uma colecção de máquinas e documentos sobre a história da fotografia é decisivamente influenciada pelo amigo, advogado e fotógrafo, Tavarela Veloso, a quem, aos 15 anos, acompanha no Gerês.

Na formação humanista do jovem Miguel, influente será ainda o contacto com Vítor de Sá — o historiador e antifascista seria seu tio por casamento com uma irmã da falecida mãe —, proprietário da Livraria Victor, hoje Oswaldo Sá, em cujo primeiro piso funcionou a Galeria LV.

É naquele espaço que organiza a sua primeira exposição, marcada pela reacção negativa de ciganos que não apreciou ver retratada uma rainha do clã.

Em 1976 surge o grupo IF (Ideia e Forma), integrado por alguns dos fotógrafos que o ainda estudante de Medicina admira, entre os quais João Paulo Sottomayor, com quem passa longas horas, em estúdio, a desen-

volver técnicas de revelação e em cujo laboratório faz a impressão de uma das suas primeiras exposições, intitulada 'Gentes de Apúlia'.

Sobre aquela mostra, Rui Prata — que é presentemente o director do Museu da Imagem — diz ser "o trabalho que mais me toca, que pela sistematização da sua abordagem, quer pelo seu conteúdo humanista".

A aproximação com Mário Dias Ramos, que foi paciente de Mário Louro marca o início de uma nova fase: a dos livros. O escritor e jornalista brindou o médico com um gesto de gratidão em poesia, o fotógrafo ilustrou a pequena publicação 'Seis Poemas com Destino'.

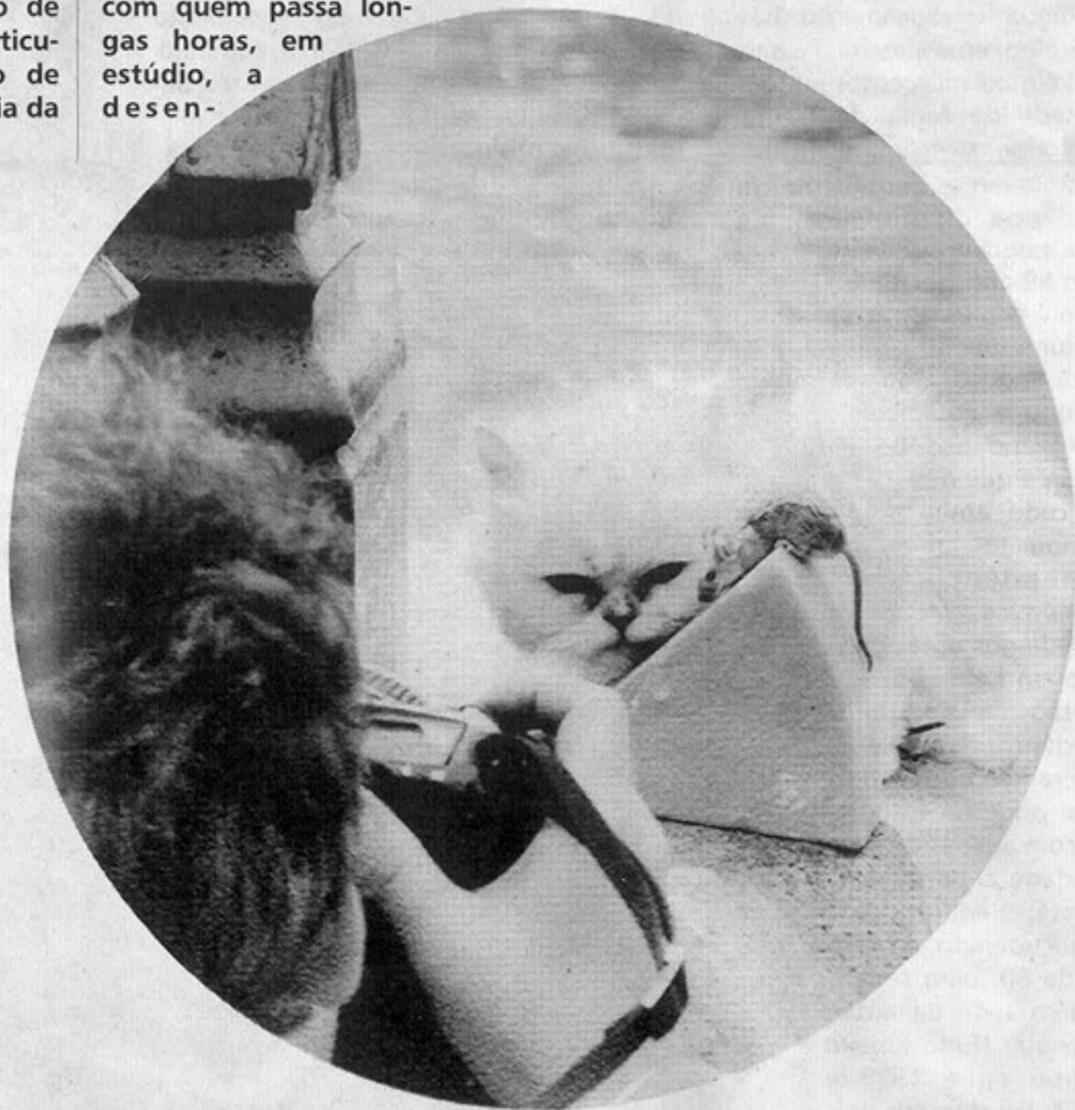
"Ganhei o gosto pelo livro", reconhece. Seguiram-se mais publicações, como a que assinalou 25 anos, outra sobre Tebosa, onde é autarca local, catálogos de mostras como 'Fotofilias' e — nunca é demais, 'Sente-se'.

"Casos de fotofilia"

"E tudo teve início naquele dia em que fotografei um homem que fotografava a sua família ao lado do 'seu' barco rabelo". Miguel Louro dá assim início a uma das suas linhas de criação: captar outros fotógrafos em acção. Um dos momentos mais felizes desta série ocorre em Londres. Há um pedaço de queijo, um rato e um gato que um fotógrafo regista com uma finalidade pré determinada — fotografia para uma campanha publicitária.

"Portugal, Espanha, França, Itália, Inglaterra, Estados Unidos, Canadá, Brasil, Cuba, China — os sítios de fotografia obrigatória

prestam-se a este jogo: dos lugares que vi faziam parte os fotógrafos os lugares já incluem a fotografia como dimensão própria; as pessoas e os acontecimentos desses lugares já incluem a fotografia como dimensão própria; as pessoas gostam de ver as cataratas do Niagara mas gostam mais de as ver sabendo que são vistas a vê-las", declara a José Hermínio Machado, em depoimento que este insere no catálogo da mostra 'Casos de Fotofilia', que teve lugar na Póvoa de Varzim, de 2 a 17 de Agosto no Diana Bar e de 19 a 31 de Agosto na Biblioteca Municipal.



"A luz viva da morte"

A fotografia — por assim dizer — abstracta é outra opção estética de Miguel Louro.

Usando a técnica de apontar para focos de luz a máquina, programada para o registo em baixa velocidade e fazer um movimento durante o disparo, produz efeitos feéricos que transcendem o concreto tal como o vemos.

É desta faceta um dos

seus trabalhos mais recentes, um conjunto de fotografias para o livro com o título "A Luz Viva da Morte", a ilustrar textos de Maria da Conceição Azevedo, professora catedrática de Filosofia da Educação na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro em Vila Real, onde nasceu, tendo também vivido em Braga — fez o secundário no D. Maria II.

